

ÁGORA SAPIENTE: O SEBO NA CIDADE EDUCATIVA
AGORA SAPIENTE: THE SEBUM IN THE EDUCATIONAL CITY

Priscilla Siomara Gonçalves¹

Leonardo Francisco Scalisse²

Aline Lidiane Freitas Toniolo³

Renata Sieiro Fernandes⁴

Resumo:

O tema do artigo é a cidade educativa como campo de educação não formal. A problemática é o espaço urbano como local de aprendizagem em três dimensões: aprender a cidade, da cidade e na cidade, como propõe Trilla. Conhecer, apresentar e discutir uma prática educativa que aconteça no espaço urbano, dentro da concepção de cidade educativa como campo da educação não formal é o objetivo a que se busca. O referencial de ancoragem é Trilla, Freire, Althusser, Bourdieu etc. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória e escolheu-se o sebo como o *locus* em que acontecem práticas ou processos educativos e aprendizado sem cobranças e sem formalidades, rituais ou exigências, com pouca ou nenhuma normatividade. Os sujeitos investigados são o dono do sebo e os frequentadores mais assíduos. Como técnicas de construção de dados foram usadas a observação participante com uso de diário de campo e conversas informais. As análises permitem afirmar que os saberes e conhecimentos que circulam, que se contrapõem, que se justapõem no espaço da cidade e, no caso, do sebo, não são apenas os legitimados e valorizados pela escola, embora possam ser considerados de menor prestígio e importância. Os modos como o sebo opera e os processos e práticas educativas que acontecem nele são a aposta em formas instituintes e diversificadas de aprender, bem como em modos contra hegemônicos de construir relações sociais no espaço da cidade que sejam

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia no UNISAL, Americana-SP. Aluna especial do Mestrado em Educação do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Professora da Pós Graduação de Educação Especial do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Rua Paraná 1212. Jardim Nossa Senhora de Fátima. CEP. 13478-560. Americana- SP. E-mail: priscilla8@gmail.com.

² Pedagogo pelo UNISAL, Americana-SP. Aluno especial do Mestrado em Educação do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Rua Paraná 1212. Jardim Nossa Senhora de Fátima. CEP. 13478-560. Americana- SP. E-mail: leonardo.scalisse@gmail.com.

³ Pedagoga pelo UNISAL, Americana-SP. Pós-graduação em Educação Especial com ênfase em Libras pela FACON-SP. Aluno especial do Mestrado em Educação do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Rua Paraná 1212. Jardim Nossa Senhora de Fátima. CEP. 13478-560. Americana- SP. E-mail: artbtoniolo@gmail.com.

⁴ Pedagoga, mestre, doutora e pós-doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Programa de Mestrado em Educação e do curso de Pedagogia do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Rua Osvaldo Guilherme, 138, lote 6. Village Campinas. CEP. 13085-728. Campinas-SP. Email: renata.fernandes@am.unisal.br.

anticapitalistas e que se juntam a outras iniciativas alternativas econômicas e culturais para o mundo atual.

Palavras-Chave: Cidade educativa; Educação não formal; Práticas educativas; Sebo.

Abstract:

The theme of the article is the educational city as a field of non-formal education. The problem is the urban space as a place of learning in three dimensions: learning the city, learning from the city and learning in the city, as proposed by Trilla. Knowing, presenting and discussing an educational practice that happens in urban space, within the concept of educational city as a field of non-formal education is the objective. The reference of anchorage is Trilla, Freire, Althusser, Bourdieu etc. Methodologically, this is a qualitative and exploratory research and the sebum of books was chosen as the locus in which educational practices or processes take place and learning without charges and without formalities, rituals or requirements, with little or no normativity. The investigated subjects are the owner of the establishment and the most frequent regulars. The techniques of data construction were: participant observation using field diary and informal conversations. The analyzes allow us to affirm that the knowledge that circulates, that are opposites, that are juxtaposed in the space of the city and, in the case, the sebum, are not only those legitimized and valued by the school, although they can be considered of less prestige and importance. The ways in which sebum operates and the educational processes and practices that take place in it are the bets on instituting and diversified forms of learning as well as on anti-hegemonic ways of building social relations in the space of the city that are anticapitalist and which join other initiatives Economic and cultural alternatives to the world today.

Key-words: Educational city; Non-formal education; Educational practices; Tallow.

1 Introdução

Para Foucault (1987) e Althusser (1970), a escola é por si e em si o mecanismo ideal de adequação social, isto é, como aparelho ideológico do Estado, talvez o mais importante deles, serve para o adestramento das mentes e corpos jovens para que estes desempenhem adequadamente seu papel social – aquele que a sociedade determina até mesmo antes de seu nascimento, em um possível retorno ao sentido feudal pré-capitalismo.

No momento em que a educação passa a acontecer em uma instituição específica, a escola, que se incumba de ensinar, a serviço da formação de sujeitos para um determinado projeto societário, torna-se um reduto entrincheirado dos valores da sociedade.

Isto se dá pelo abandono do modo de “aprender na Ágora”, de Aristóteles, e pelo encerramento dos sujeitos aprendizes em cubículos com baixa incidência de luz solar e

com poucas janelas, onde se apresentam amostras pré-formatadas de determinado conhecimento considerado legítimo historicamente, no caso, o científico.

Na passagem da educação generalizada, informal e incidental para uma educação no sentido de ensino, formal, institucionalizada, abandona-se o aprender do mundo e no mundo para legitimar a transmissão de conhecimentos sob a forma vertical, em que um sujeito supostamente sabe e doa/passa seu saber-poder para outros sujeitos tidos como desconhecedores daquilo que é considerado, social e culturalmente, relevante e imprescindível para se viver no agora e no futuro.

Como em um sistema capitalista como o assumido no ocidente, os sujeitos são valorizados pelo que têm e consomem e não pelo que criam, para Althusser (1970), “a condição última da produção é, portanto, a reprodução das condições da produção” (p. 9) e é neste sentido que a escola passa a operar.

Ainda, para ele (1970, p. 21),

diferentemente do que se passava nas formações sociais escravagistas e feudais, esta reprodução da qualificação da força de trabalho tende a ser assegurada não em “cima das coisas”, mas, a cada vez mais, fora da produção: através do sistema escolar capitalista e outras instâncias e instituições. Ora, o que se aprenda na Escola? Ao mesmo tempo em que se ensinam técnicas e conhecimentos, a Escola ensina também as “regras” dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação da classe.

Reafirmando o pensamento de Althusser, Mészáros (2008, p. 15) diz que,

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes.

Ao desejar que a educação aconteça em outros sentidos, como os de criticidade, autonomia e criatividade, de modo a negar o instituído e a buscar possibilidades de outros projetos formativos e societários, contra hegemônicos, que sejam mais humanos e incluídos, talvez se possa encontrar esse movimento em ações e posturas levadas a cabo

por outros atores e grupos sociais, ocupando outros locais (potencialmente educativos) espalhados na sociedade, no espaço da cidade.

Esta premissa se sustenta no pensamento de Freire (1996; 1997), que entende e propõe espaços e tempos formativos como resistência ao sistema capitalista, acreditando na esperança e no sonho como necessários para a melhoria da existência humana, bem como com as evidências de manifestações populares e de ocupações no espaço público contra políticas impopulares instauradas pelo governo, recentemente.

A educação praticada com e pelos grupos populares, inserida nos princípios democráticos e anticapitalistas, que permeiam os desejos modernos de realização humana pode acontecer e vem acontecendo nos múltiplos grupos de sociabilidade que ocupam o espaço urbano, especialmente.

A partir de Fernandes (2011), Aroeira (2005; 2007) e Lima (2011), é possível pensar no campo da educação não formal como resistência e transgressão a esse conjunto de ideologia mesclado à educação.

O campo da educação não formal é entendido aqui pela ideia da sociedade ou da cidade educativa, em que os grupos sociais e seus repertórios culturais e políticos de ação se encontram, se mesclam, se tensionam, se contrapõem. Desta forma, as práticas não dependem de ambientação e tempos determinados, assumem graus de intencionalidade, com maior ou menor sistematização, bem como acontecem por meio de diferentes táticas metodológicas, ajustadas as necessidades e as problemáticas de enfrentamento.

O fundamento da educação não formal se refere ao princípio do aprender, em todos os lugares e ao longo do tempo, de forma institucionalizada e fora das instituições, por meio da participação e das relações. Aprende com quem se encontra, aonde se frequenta e o que se deseja e o que motiva.

Tal espontaneidade traz consigo também uma carga maior de responsabilidade intrínseca pelo próprio aprender, que deixa de ser regido e encaminhado por outrem e passa a ser construído pelo próprio sujeito aprendiz em relação; é este que se expõe e se disponibiliza, é quem busca como, onde, o que, com quem aprender e se dá conta de quando isto acontece. Para tanto, parte-se do princípio que todo sujeito é curioso e que há condições (externas e internas) que promovem o aprender.

Conhecer, apresentar e discutir uma prática educativa que aconteça no espaço urbano, dentro da concepção de cidade educativa como campo da educação não formal é o objetivo deste texto.

2 Metodologia e Desenvolvimento

Buscando uma compreensão mais detida da relação entre educação (no sentido de aprender e no campo da educação não formal) e sociedade (contida na ideia da cidade educativa), aguçam-se os sentidos para localizar, no entorno que habitualmente se frequenta e no cotidiano da vida, alguma ação ou iniciativa no contexto do espaço urbano para apresentação e discussão.

Metodologicamente, optou-se por um estudo exploratório, descritivo, analítico, de enfoque qualitativo. O *locus* escolhido e os sujeitos pesquisados são apresentados na sequência, bem como a justificativa da escolha. Como procedimento de pesquisa optou por trabalho de campo empírico, por meio de participação direta e uso de Diário de Campo para anotações. Como técnica de construção de dados, ainda, foi usada a conversa informal gravada e, posteriormente, transcrita, com uso de autorização de imagem e voz e emprego de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵.

Não buscar as instituições ou os projetos/programas efetuados pelos poderes públicos, privados ou em parceria foi o foco desejado, bem como a busca de algo que pudesse ser potencialmente educativo, ou que fosse educativo como efeito e não como meio. Desta forma, encontrou-se um *locus* em que acontecem práticas ou processos educativos e aprendizado sem cobranças e sem formalismos, rituais ou exigências, com pouca ou nenhuma normatividade. O *locus* escolhido é um sebo⁶, localizado na cidade de Americana-SP, que é melhor apresentado a frente.

Delgado (1999), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma cartografia dos sebos na cidade de Belo Horizonte e chama a atenção para a importância dessas livrarias que abrigam livros usados e raros, de edições esgotadas e das práticas sociais de leitura que proporcionam, usando o referencial de ancoragem de Chartier e Darnton. Seu foco de análise centra-se na apresentação das sete livrarias mineiras, seus acervos, nos livreiros e

⁵ Também foram feitos registros fotográficos e captação em áudio e vídeo que não serão utilizados no recorte assumido para este artigo.

⁶ Conforme Cocco (*apud* DELGADO, 1999, p. 49) "o nome vem do tempo em que não havia ainda energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas amarelas, sujando e engordurando os livros. Daí o termo 'ensebado', 'sebento'. Já para Obelins (*apud* DELGADO, 1999, p. 50), "é um apelido dado pelos cariocas no século XIX, pois foi no Rio de Janeiro que surgiram as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão. Era uma novidade no país e quando eles pegavam os exemplares, diziam que estavam ensebados".

no público leitor. E ela afirma a lacuna que ainda há no que toca ao estudo dos sebos, bem como as práticas sociais de leitura.

O intuito da escolha do sebo da cidade de Americana-SP se dá no sentido de visibilizar um espaço marginal e contra hegemônico e, diferentemente da proposta de Delgado (1999), o interesse aqui se foca nas práticas e processos educativos que acontecem no espaço urbano a partir de uma experiência exploratória e de breves conversas informais com o livreiro e alguns frequentadores, sobre o que aprendem ou o que é possível aprender nesse lugar e na interação com o público frequentador, sem a perspectiva da análise das práticas sociais de leitura. Neste caso, o referencial de ancoragem é a educação não formal e a ideia da sociedade ou cidade educativa de Trilla (1999).

Conforme o autor, a cidade é o lugar da educação não formal, porque é possível se educar ou aprender em 3 níveis: “aprender em la ciudad (la ciudad como contenedor de recursos educativos); aprender de la ciudad (la ciudad como agente de educación) e aprender la ciudad (la ciudad como contenedor de recursos educativos)”. (ZAINKO, 1997, p.17)

O primeiro nível é formado por instituições especificamente educativas, dos tipos formais e não formais, por equipamentos e recursos, meios e instituições não especificamente, mas potencialmente educativas, por acontecimentos efêmeros ou ocasionais e por encontros e vivências não planejadas pedagogicamente.

O segundo nível consiste naquilo que as cidades proporcionam diretamente a seus habitantes, ou seja, elementos de cultura, formas de vida, normas e atitudes sociais, valores e contravalores, tradições, costumes, expectativas etc.

E o terceiro nível se refere às formas como a cidade se apresenta, isto é, superficial, parcial, desordenada, estática.

A educação entendida como ensino (transmissão de conhecimentos) somente passou a ser ministrada dentro do estabelecimento educativo denominado escola, no último século, sendo uma invenção da modernidade, pois anteriormente a isso, a educação tinha modos bastante diversificados e acontecia na relação com os pais, amigos, vizinhos, os ofícios eram aprendidos individual e diretamente nas oficinas dos artesãos, sem uma metodologia única, sem haver, necessariamente sistematização do processo e certificação posterior, mas acontecendo por observação, imitação, exercício, treino e erro.

A ideia de Trilla (1999) se aproxima disso, entendendo que cada sujeito ou grupo social aprende nas relações, nos diferentes tempos-espacos e que, ainda que este

movimento não seja consciente, o aprender sempre acontece, independentemente das intenções de ensino. Esta é a função da sociedade ou da cidade educativa e, neste aspecto, se percebem, claramente, influências do pensamento e das propostas de Illich em sua obra “Sociedade sem Escolas” (1979).

Embora Trilla (1999) apresente um contexto atual, anos 1990, em que prevalecem instituições do terceiro setor promovendo ações educativas e Illich (1979), nos anos 1970, trate de uma realidade utópica, libertária, em que não há escolas, entendidas como instituições e dispositivos especificamente voltados para a formação do sujeito desejado, as ideias se aproximam no sentido de ampliar o leque de possibilidades educativas, portanto de percursos de sociabilidade e de formação que incluem experiências sem a centralidade, a visibilidade e o prestígio dado e buscado pela/na escola.

Cada sujeito ou grupo social busca, acessa ou encontra a informação onde ela está disponibilizada e onde efetivamente culmine por aprender. Desta forma, buscou-se um grupo social, um coletivo formado esporádica ou frequentemente, que estivesse, mesmo sem discernimento, propiciando o aprender em suas três dimensões: da cidade, na cidade, a cidade. Ou seja, ao fazer essa seleção, tentar responder, ainda que momentaneamente e ao que for possível, o que Orozco Barba (2017, p. 52-56) pergunta:

¿Qué piensan los colectivos que quieren cambiar la ciudad? ¿Cuáles son sus ideas, sus imaginarios del futuro? ¿Cuáles, sus significados culturales de la ciudad que sueñan? ¿Cómo se congregan? ¿Cómo construyen significados comunes? ¿Cómo los ponen en acción? ¿Cómo construyen sus aspiraciones urbanas? ¿Cómo, sus utopías? Se aspira a que la utopía pueda significar un respiro de libertad en una ciudad, un país y un mundo arruinados. Pero más allá de los deseos, están los datos que aquí se muestran para tratar de comprender las fuerzas motoras de la utopía en la vida colectiva de la ciudad.

A escolha do *locus* se dá por ser um espaço conhecido e frequentado há cerca de dez anos por alguns dos autores deste artigo. Trata-se do sebo Sapiente, um estabelecimento comercial localizado na cidade de Americana-SP e que revende CDs e DVDs novos e usados, livros e LPs usados, a preços bastante acessíveis, bem como instrumentos musicais novos, além de oferecer serviços de luteria e concerto de instrumentos musicais.

Americana é uma cidade com uma população estimada em 232 mil habitantes, conforme o IBGE (2016), em uma área de quase 134 Km², o que perfaz cerca de 1.730

habitantes por Km²; com um PIB per capita de, aproximadamente, R\$ 44.000 em 2013. Detém um valor bastante acima da média da população brasileira, que é de R\$ 26.445,71.

Com uma área restrita não é de se estranhar que a população rural seja próxima a zero (apenas 55 pessoas), enquanto o comércio tem quase 20.000 pessoas ocupadas, mais de 30.000 pessoas trabalhando na indústria e quase 35.000 pessoas trabalhando na área de serviços.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da cidade (5,1), apesar de estar abaixo do desejado pela meta municipal (5,4), ainda assim é superior ao que ocorre no Estado de São Paulo (4,4) e no Brasil (4,9).

Outros dados pertinentes referem-se aos de rendimento domiciliar *per capita*. Verifica-se que 41% da população americanense sobrevivem com o valor de 1 a 2 salários mínimos, e 32% com um valor de 2 a 5 salários mínimos. Com o orçamento tão apertado, quais as chances e oportunidades desta parcela da população buscar e encontrar alternativas de educação fora dos muros escolares, principalmente oriundas da iniciativa pública?

É então que se apresenta como iniciativa a ser apresentada e analisada, o único sebo da cidade, existente há 20 anos (até abril/2017), o sebo Sapiente, que disponibiliza a preços módicos, por exemplo, livros seminovos por, aproximadamente, R\$ 15,00, quando o mesmo exemplar novo, em outra livraria custa por volta de R\$ 50,00⁷. Aliado à economia, o ambiente em si do sebo é bastante convidativo e atraente, como o descreve o trecho abaixo:

logo na entrada há um choque visual, pois as paredes são cobertas de arte, seja em forma de reproduções de pinturas, esculturas, desenhos, seja em trechos de poemas e citações colados nas diversas estantes, ou ainda o capricho em manter equipamentos antigos em exposição ao lado de instrumentos musicais diversos. O ambiente prima por uma conversa descontraída entre seus *habitués* e os donos e empregados do local. Quem deseja um instrumento tem a permissão de tocá-lo, seja qual for o estilo da música, e não raro vários artistas se reúnem e mostram sua arte, seja ela qual for. Conversas sobre política, educação, artes, música, trânsito, são permitidas e estimuladas. E, ainda, tocar. E ver. E ler. (DIÁRIO DE CAMPO, maio, 2017)

O livreiro busca garimpar raridades e atender as encomendas de seu público, pois isso é motivo de descobertas e aventuras pessoais. Principalmente antes do advento do site

⁷ Assim também comenta Hallewell (2012, p. 826): “A curto prazo, ao livrar o consumidor da necessidade de gastar seu salário antes que ele perdesse todo o seu valor, a queda da inflação deu-lhe a nova opção de poupar, levando-o a procurar novos modos de economizar. Isso talvez explique o alegado ressurgimento, nesse novo século, do comércio de livros de segunda mão, os chamados ‘sebos’ ou alfarrabistas”.

Estante Virtual (<<https://www.estantevirtual.com.br/>>), o Sr. Luis⁸, proprietário, seguia para São Paulo em busca de exemplares em outros sebos para contemplar as necessidades de seus frequentadores. Além disso, não é estimulado apenas o comércio, mas as trocas e as doações, em uma postura instituinte pouco convencional no sistema capitalista:

Segundo seu fundador e dono, o sr. Luis Sanajolli, quem precisa de um livro não sai dali sem ele. Ele aceita trocas, vende a crédito e até doa muita coisa. Na porta da loja há uma caixa de doação, onde são depositados itens entre Cds, DVDs, fitas cassete ou de vídeo, apostilas e livros (didáticos ou não) , para consulta e/ou recolhimento de qualquer passante. Em nenhum momento existe a obrigatoriedade de adentrar o local ou ali fazer compras para se poder obter uma doação. Outra característica do ambiente é que existe sempre disponível uma garrafa com café e outra com chá, além do bebedouro de água, para todos que quiserem se servir. Em diversos momentos veem-se trabalhadores locais ali adentrando para se servir de água, como, por exemplo, os atendentes da Zona Azul (sistema de estacionamento rotativo pago). (DIÁRIO DE CAMPO, maio, 2017)

Percebe-se um ambiente que disponibiliza cultura e que permite aos frequentadores entrarem em relação e exercerem liberdade de escolha, de expressão, de locomoção; liberdade entendida a partir de Gallo (2012). Segundo este autor, a concepção materialista de Bakunin mostra que a liberdade, ainda que seja uma das facetas fundamentais do homem, não é um fato natural, mas sim um produto da cultura, da civilização. Em outras palavras, enquanto o homem produz cultura, ou seja, se autoproduz, conquista também sua liberdade.

Em conversa informal com alguns frequentadores mais assíduos, descobre-se que existe uma clara reverência ao local e às pessoas que tomam parte dele. Enquanto para alguns é a “segunda casa”, para outros é o local de “recarregar baterias”. Comprando mais barato os produtos de segunda mão (uma ação anticapital, na medida em que não há descarte, que não se estimula o consumismo e que se faz reuso) ou não, as pessoas ali são bem recebidas, bem tratadas e aguardadas.

Os depoimentos mostram que existe uma clara atenção por parte dos funcionários e proprietário de que as pessoas se sintam bem e sejam bem atendidas e, para tanto, são empreendidos esforços para que se sintam realizadas e satisfeitas.

Alguns frequentadores sentem um estranhamento inicial com o ar descontraído e gentil do ambiente comercial para, logo em seguida, haver um desarme quase automático

⁸ O uso dos nomes originais pessoais e institucional foram permitidos e autorizados pelos sujeitos pesquisados.

ao perceberem que não há estímulo para a compra ou certa imposição dos vendedores no oferecimento de produtos.

Alguns princípios capitalistas ali não foram incorporados, pois muitos dos preços se aproximam da gratuidade ou de valores simbólicos.

Por exemplo, existem livros e CDs usados ao custo de dois reais, LP (de vinil) a três reais; para os clientes habituais há uma “conta” nos moldes das cadernetas dos armazéns antigos, em que se anota o que se gasta para ser acertado no pagamento do salário do cliente – ou, se não for possível, o valor é parcelado em duas ou mais vezes. Quem busca um instrumento para comprar pode escolher calmamente, utilizar todos os instrumentos ali existentes, testar, tocar, ligar equipamentos eletrônicos, enfim ter uma vivência prática para sustentar o que se está comprando. (DIÁRIO DE CAMPO, maio, 2017)

A postura instituinte dentro do paradigma capitalista permite, ainda, que o local se mantenha como comércio há vinte anos, ao contrário de muitas lojas do entorno da cidade, que fecharam as portas em curto espaço de tempo – até no mesmo ramo secundário de atividade também exercido pelo sebo, que é o de venda de instrumentos musicais.

Outro fato que chama a atenção é o cuidado para com as pessoas com necessidades especiais; em mais de uma ocasião percebe-se o tratamento carinhoso para com os deficientes, como mostra o trecho abaixo:

alguns deles, aliás, frequentadores assíduos como é o caso do José (nome fictício) ou mesmo da jovem cadeirante Nair (nome fictício), que foi buscada na rua para adentrar ao recinto (feito de degraus, que dificultam sobremaneira a entrada de uma cadeira de rodas). (DIÁRIO DE CAMPO, maio, 2017)

Verifica-se, ainda que, indistintamente, nos depoimentos tomados, existe um claro endeusamento da escola, como se toda a cultura trocada e tocada naquele ambiente do sebo fosse um mero coadjuvante dos prédios escolares; veem-se seus atores/autores como “primos pobres” em preço e em importância. O mesmo é corroborado por Trilla (1999) quando diz que

Esta institución (a escola) chega a converterse de tal forma no paradigma da acción educativa, que o obxecto da reflexión pedagóxica (tanto teórica como metodolóxica e instrumental) queda circunscrito case que exclusivamente a tal institución. (p. 200).

Tomando os textos indicados ao longo deste artigo, percebe-se que no ambiente do sebo, uma instituição ou equipamento alocado no espaço urbano, se aprende na cidade, já

que nela circulam saberes provenientes de diversos grupos sociais (etários, de gênero, de orientação religiosa, de origem socioeconômica, com tempos de escolaridade etc), também ocorrem situações efêmeras e ocasionais proporcionadas pelos encontros fortuitos ou agendados, e que são acontecimentos educativos e formativos.

Aprende-se da cidade em termos de aspectos culturais, históricos, artísticos, formas de vida, costumes, tradições, inovações corporificadas nos sujeitos presentes e nos registros e produções disponíveis no ambiente.

E aprende-se a cidade no sentido de construção do sentimento e do exercício da coletividade, de participação, de pertencimento a um lugar e a um tempo e a um grupo, os frequentadores de sebo.

3 Conclusão

Por meio do estudo exploratório e do recorte escolhido para ser apresentado e analisado, vê-se que a cidade contém recursos educativos, que é agente e meio de educação, englobando a escola, mas indo para além dela. O sebo participa desse processo.

Ainda que todo conhecimento da cidade e na cidade seja fragmentado e superficial, quanto mais se adentra e se usa a cidade, mais se constrói a noção e o sentimento do viver urbano. E também, se aprende de forma constelar e os sentidos e significados vão sendo construídos e reconstruídos a partir das vivências e das experiências diretas e mediadas.

No artigo, foi apresentado o sebo Sapiente, seu ambiente, seu público e foram indicadas e analisadas as práticas educativas e de aprendizagem que ele promove e proporciona, acontecendo no espaço urbano, dentro da concepção de cidade educativa como campo da educação não formal.

Para Trilla (1999), toda ação educativa acontece em um meio, este meio condiciona as ações, o meio influencia qualitativa e educativamente nos sujeitos, que são educadores e aprendizes, portanto, são eles que configuram o meio.

Os sujeitos congregam em si diferentes aprendizagens, construídas em muitos lugares e tempos, com a multiplicidade de situações e grupos, durante o percurso da vida. Assim, pode-se arriscar afirmar que a cidade e o que ela disponibiliza prefigura o ideal grego da ágora⁹ de ideias.

⁹ Usa-se aqui o conceito de ágora como o espaço democrático e de uso coletivo e participativo, sabendo-se que no contexto grego, os que dela participavam eram apenas os homens livres e ricos, considerados cidadão. Mesmo entendo que todos e quaisquer espaços sociais têm suas marcas culturais e são historicamente

A ágora é, propriamente, a ideia da cidade educativa ou a sociedade educativa.

Os sujeitos que educam e que se educam, portanto, que aprendem aos seus modos e de acordo com seus interesses e vontades, não são apenas os professores formados pela escola. Os saberes e conhecimentos que circulam, que se contrapõem, que se justapõem no espaço da cidade e, no caso, do sebo, não são apenas os legitimados e valorizados pela escola, podem ser considerados de menor prestígio e importância, talvez. Entretanto, essa é a aposta em formas instituintes e diversificadas de aprender, bem como em modos contra hegemônicos de construir relações sociais no espaço da cidade que sejam anticapitalistas e que se juntam a outras iniciativas alternativas econômicas e culturais para o mundo atual. (OUTRAS PALAVRAS, 2017)

Iniciativas estas que constelam e formam redes de grupos e pessoas que buscam manter ou construir na sociedade, formas de viver mais humanas e inclusivas nos espaços urbanos da atualidade.

4 Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

BARBA, Humberto Orozco. **Utopías de la ciudad**. La construcción del sentido urbano desde los colectivos. Guadalajara, Editora ITESO – Universidad Jesuita de Guadalajara, 2016. Edição Kindle.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo e na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Ser consumidor numa sociedade de consumo**. Disponível em <https://moriahjovem.files.wordpress.com/2010/08/ser-consumidor-numa-sociedade-de-consumo-zygmunt-bauman.pdf>. Acesso em 3 jul. 2017.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo horizonte: Autêntica, 1999.

FERNANDES, Renata S.; CARNICEL, Amarildo. **Palavras-chave em Educação não formal**. Holambra/Campinas: Ed. CMU/Setembro, 2007.

FERNANDES, Renata S.; LIMA, Livia M. G. **Educação não formal e o município educador**: algumas experiências sociocomunitárias, mimeo, no prelo.

FERNANDES, Renata S.; GROppo, Luis A.; PARK, Margareth B. **Cidade**: patrimônio educativo. Jundiaí/SP: Paco, 2011.

demarcados em seus usos e públicos, o sebo contribui para se pensar na realização mais aproximada do princípio da ágora, como efetivamente democrático e generalizado.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Valéria A. Um sobrevôo: o conceito de educação não formal. In: PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. **Educação não formal**: contextos, percursos e sujeitos. Campinas/Holambra: Ed. CMU/Setembro, 2005, p. 19-44.

GARCIA, Valéria A. Educação não formal: um mosaico. In: PARK, Margareth Brandini, GALLO, Silvio. Estúpida retórica: algunas consideraciones sobre riesgo, libertad y educación. In: GARCÍA, Félix et all. **Educación anarquista**: aprendizajes para una sociedad libre. Santiago de Chile: Editorial Eleuterio, 2012, p. 49-58.

_____. Educação, Devir e Acontecimento: para além da utopia Formativa. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 26, n. especial, p. 41-72 – 2012.

IBGE. **Estimativa de população 2016**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=350160&idtema=130>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1979.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. In: _____ **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969, p. 96-109.

LIMA, Lívia. M. G. A educação patrimonial e o turismo cultural como ações educativas não formais no contexto de fazendas históricas paulistas. In: FERNANDES, Renata S.; GROppo, Luis A.; PARK, Margareth B. **Cidade**: patrimônio educativo. Jundiaí/SP: Paco, 2011, p. 159-177.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil, sua História**. São Paulo: USP, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2008.

OUTRAS PALAVRAS. Do comum a uma rede global de “comuneiros”. 8 jul. 2017. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/destaques/do-comum-a-uma-rede-global-de-comuneiros/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PARK, Margareth B; FERNANDES, Renata S; CARNICEL, Amarildo. **Palavras-chave em educação não formal**. Holambra: Editora Setembro, 2007.

TRILLA BERNET, Jaime. A educación non-formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadora) do ambiente da educación. **Revista Galega do Ensino**, no. 24, setembro/1999, p. 199-221.

ZAINKO, Maria Amélia S. (org). **Cidades educadoras**, Curitiba: Ed. UFPR, 1997, p. 12-23.